



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

ENTRELAÇANDO PARADIGMAS: CIMENTANDO A IDENTIDADE DO PEDAGOGO NUMA PRÁXIS REFLEXIVA

Ms. Sandra Suely de Oliveira Souza*
(UESB)

Dante Augusto Galeffi**
(UFBA)

Luzia Wilma Santana de Silva***
(UESB)

RESUMO

A proposta deste trabalho teve como linha mestra o entendimento de que a formação profissional do pedagogo não deve perder de vista sua humanidade, a título de considerar todo o seu potencial criativo no exercício da profissão, visando ao seu crescimento pessoal e ao alcance da autoconsciência crítica, de igual modo como participante responsável pela vida em sua totalidade. O campo emergente para desenovelar o objeto de estudo configurou-se na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, mediante entrevistas coletivas a partir da questão norteadora da escolha pelo curso. Com base nos discursos, seis estudantes dos três primeiros semestres do curso de Pedagogia foram tomados como referência para um estudo de caso. A opção metodológica seguiu pela via da abordagem qualitativa e os dados revelaram que a escolha dos seis estudantes pelo curso de Pedagogia foi sustentada por motivos circunstanciais e não intencionais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Formação docente; Incerteza da escolha profissional; Autoconhecimento.

*Mestre em Educação. Professora do quadro efetivo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Campus Jequié. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: sandraso.s@hotmail.com.

**Doutor. Orientador.

***Doutora. Co-orientadora.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou identificar os motivos que levaram os estudantes do curso de Pedagogia ingressarem neste curso sem o desejo de serem professores ou pedagogos. Por trás das incertezas quanto à escolha profissional, buscou-se identificar os desejos latentes dos estudantes no intuito de perceber: Quais indicadores simbólicos aparecem como motivadores para tal escolha? Quais os modelos de identificação que contribuíram para essa escolha? Que projeções esses estudantes fazem para o futuro como pedagogos ou não?

O campo emergente para desenovelar o objeto de estudo configurou-se na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, mediante entrevistas coletivas a partir da questão norteadora da escolha pelo curso. Com base nos discursos, seis estudantes dos três primeiros semestres do curso de Pedagogia foram tomados como referência para um estudo de caso.

Para tanto, o caminho teórico teve como principal base de referência a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung em um entrecruzamento com o Pensamento Sistêmico, dialogando com os estudiosos da ciência pedagógica e sociopedagógica. De modo transversal, foi abordado o autoconhecimento.

Pensamento sistêmico e a teoria junguiana: Uma síntese possível

As duas concepções teóricas têm uma similaridade: pensar o fenômeno humano dotado de complexidade, de inacabamento e um ser relacional, cuja presença no mundo se configura na incerteza, e na disposição de se fundar pela percepção da realidade, tomando consciência das raízes física, biológica, psíquica, social, política e



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

cultural. Nesse sentido, é necessário “conhecer o que nos controla para controlar nossos controladores e controlar a nós mesmos” como bem ressalta Morin (2002).

A terminologia “sistema” tem sido empregada com muita frequência, cabendo então compreender o sentido atribuído ao novo paradigma da ciência que tem significativa presença no cenário científico, com vastas pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, cuja finalidade é a de investigar acerca dos princípios gerais do funcionamento nos variados sistemas humanos e naturais.

Capra (1996) esclarece que antes da década de 1940, os termos “sistemas” e “pensamento sistêmico” já estavam sendo usados por vários cientistas, “mas foram as concepções de Bertalanffy (1901-1972) de um sistema aberto e de uma teoria geral dos sistemas que estabeleceram o pensamento sistêmico como um movimento científico de primeira grandeza” (p.53).

O olhar que Vasconcellos (2002) verte sobre a concepção sistêmica tem um matiz a partir de três dimensões epistemológicas: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Considero, nessa mesma perspectiva, que a construção identitária do profissional não acontece de forma mecânica e linear, mas é resultante de um complexo entrelaçamento dos acontecimentos na história de vida do indivíduo, tendo como referência as condições internas (sistema psíquico) e condições externas (sistema familiar, social, cultural) que fazem parte desse processo numa dinâmica de contínuas mudanças. As crises e incertezas – como ponto de bifurcação – desafiam o indivíduo a experienciar a instabilidade que implica um novo olhar sobre si mesmo e sobre o mundo.

Capra (1996) acentua que um dos principais problemas de nossa época é a percepção reduzida e isolada sobre o que o planeta está sofrendo; com isso, defrontamo-nos com problemas globais que afetam a biosfera e a vida humana. Sob esse prisma ele esclarece que: “são problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

interdependentes. Cabe a nós uma mudança radical de percepção, pensamento e de nossos valores. A atenção sobre o problema já está acontecendo, mas, ainda de maneira tímida, pois a profunda mudança de percepção, pensamento e atitude ainda está por acontecer” (p.23).

Se detivermos um olhar mais atento sobre a teoria de Jung, é possível encontrar em suas idéias uma aproximação com o paradigma sistêmico. Sob esse aspecto, a psicologia analítica de Jung emergiu da intenção desenhada para um novo entendimento da subjetividade humana vivida como natureza culturalmente constituída pela multiplicidade, pela unidade, pela síntese e pela totalidade.

Maroni (1998) considera que, para Jung, os pensamentos ou argumentos não são processos independentes e eternamente lógicos, mas, sim, funções psíquicas coordenadas com a personalidade e a esta subordinada. Ele afirma que quem pensa uma determinada proposição, por detrás da universalidade do pensado, está a particularidade de quem pensou guiado por um instinto/arquétipo.

O pensar sobre a identidade humana é lançar um olhar para o “âmago do sujeito” e ser sujeito supõe um indivíduo vivo que experimenta sua unidade singular na comunicação universalmente compartilhada e que sofre, por vezes, a pressão das duas forças contraditórias que o impele tanto para construir sua humanidade quanto sua desumanidade. O sujeito tanto é egoísta quanto pode ser altruísta. Morin (2002, p. 76) diz que: “há na situação do sujeito uma possibilidade egoísta que vai até o sacrifício de tudo para si, e uma possibilidade altruísta que vai até o sacrifício de si”.

O sujeito contraditório, descrito por Morin (2002), aparece no pensamento de Jung a partir do princípio dos opostos, percorrido em todo o sistema de sua teoria ao tratar a energia psíquica quando infere que todo desejo ou sensação tem seu oposto e esse conflito entre as polaridades é o principal motivador do comportamento e gerador de energia. Outro princípio complementar presente em sua teoria é o princípio da



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

equivalência, como princípio físico da conservação de energia aos eventos psíquicos, ou seja, a energia gasta para trazer à tona um problema não é perdida, mas transferida para outra parte da psique.

Jung (2002) apresenta um novo entendimento da psique como um sistema energético relativamente fechado e adota o termo energia psíquica por entender que a psique se manifesta nos fenômenos dinâmicos da alma, como o querer, os afetos, a atuação, a produção de trabalho etc.

Para o referido teórico, o homem se encontra ao mesmo tempo como um ser impelido interiormente a agir, mas também capaz de pensar e refletir, sendo a psique constituída de energia que pode originar o equilíbrio dos mais diversos opostos (p.147). Trazendo o pensamento complexo de Morin (2002), ele diz que cada indivíduo é uno, singular e irredutível, como também duplo, plural e diverso. Nas teias da natureza humana complexa, subjaz a identidade polimorfa, cuja constituição é marcada pela dualidade que cada indivíduo leva no secreto de si como o cosmos secreto.

À complexidade do homem se estende também a complexidade do mundo e cada indivíduo apreende e elabora os fenômenos internos e externos com base no seu próprio segmento experiencial. Jung (1986, p.77) cita que “a única coisa que podemos experimentar diretamente são os produtos da consciência”. O que pode ser captado pelo consciente advém de percepções sensoriais mediante o que vemos, ouvimos, apalpamos do mundo e assim temos consciência do mundo. Essa percepção, ainda que não seja de caráter simples, não nos diz o que em si são as coisas; para essa possibilidade de apreensão do mundo mais complexo é necessário recorrer ao processo de percepção por meio da cooperação dos diversos processos psíquicos que nos permite o reconhecimento do objeto derivado do pensamento.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O exercício da percepção de si mesmo se entrelaça ao processo reconstrutivo da realidade psíquica. Na visão junguiana a realidade psíquica é definida como a realidade do mundo. Psique é conceituada e vivenciada, nesta perspectiva, como a própria Natureza. Em se tratando da escolha profissional, é comum que haja dúvidas, e a incerteza leva o indivíduo para o trânsito complexo num percurso a ser desvelado na itinerância da formação profissional. Questionar-se quanto ao que está fazendo e como está fazendo, no processo da construção identitária, remete o indivíduo ao seu mundo mais interno para identificar os motivos que o levou a escolher uma profissão sem identificação com a mesma e nesse exercício introspectivo encontrar na sombra o que está oculto de si mesmo.

Para onde caminha o curso de Pedagogia? O limiar dos opostos frente às ambiguidades e incertezas

Para discorrer sobre o complexo sistema educacional cabe entender que este se constitui pela complexidade, instabilidade e pela intersubjetividade mediante as redes causais recursivas das múltiplas vozes contextualizadas pelos diversos seguimentos teóricos. Como um sistema aberto, opera aí as contradições que possivelmente corroboram para a instabilidade do curso de Pedagogia e o obscurantismo quanto ao exercício da profissão para os que ingressam neste não sabendo ao certo qual a identidade que está construindo: Ser Pedagogo (a) ou professor (a)? Ser professor (a) e pedagogo (a)?

Frente às ambiguidades, suscitou em mim o interesse em discutir acerca das contradições teóricas e as contradições dos próprios sujeitos que escolhem o curso sem terem afinidade com a docência. Será que a falta de clareza nos discursos teóricos quanto à identidade do curso, reflete na construção identitária dos futuros pedagogos? Os discursos contraditórios no âmbito coletivo interferem no estado



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

desejante dos indivíduos? No prosseguimento das minhas reflexões exponho no primeiro momento considerações tecidas por alguns autores das ciências pedagógicas que se debruçaram sobre esta questão a título de situar a realidade atual do curso de Pedagogia numa dimensão mais objetiva e em seguida, trato sobre a dimensão subjetiva concernente a identidade do profissional pedagogo tentando coadunar essas duas realidades como basilares para o entendimento da realidade interna e externa intercomunicantes no processo de formação profissional.

No tocante aos olhares acerca da identidade profissional dos professores é visível as fortes repercussões frente às transformações ocorridas, gerando com isso o que Contreras (2002) destaca como uma paulatina desorientação ideológica e deterioração nas condições de trabalho, que afetam a autonomia do docente e gera a proletarianização profissional.

Na mesma conjuntura de fragilidade e ambiguidades está o pedagogo, que tem sua identidade construída também para a docência e a falta de autonomia no exercício do trabalho, a pouca ou nenhuma visibilidade social, baixos salários e desarticulação da própria categoria gera instabilidade e pessimismo no profissional docente, o que termina por afetar e gerar instabilidade em torno da identidade do pedagogo.

O que de fato pode definir a identidade do pedagogo? Libâneo (2007) sugere uma definição mais clara para o entendimento da pedagogia e, portanto, mais visibilidade para a identidade do pedagogo. Ele concebe como característica fundamental da pedagogia, ocupar-se da educação intencional como uma atividade que se debruça sobre os problemas sociais e, como tal, investiga os fatores que contribuem para a construção do ser humano como membro de uma sociedade em constante mudança. Nesse sentido, é preciso que se considere a existência de uma intencionalidade educativa mediadora do individual e coletivo.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O autor esclarece que a formação do pedagogo deve ser sustentada numa concepção de profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, de modo que atenda às demandas socioeducativas, sendo que esse profissional não precisa necessariamente ser um docente. Qual a diferença entre essas duas atribuições? Ele responde que “todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas que nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente” (p.39).

Assim, segundo o autor, a base da identidade profissional do docente é o trabalho pedagógico e o pedagogo, ainda que tenha a docência como campo de ação tem também como cerne fundante de sua identidade, a atitude intencional de investigar os fatores que contribuem para a formação humana em cada contexto social, considerando uma realidade sempre em mudança, tendo, pois, que conceber a recriação do seu objeto de estudo – a prática educativa (LIBÂNEO, 2007).

As ambiguidades identificadas nas discussões abrem espaço para gerar nos estudantes do curso a incerteza quanto ao seu papel no exercício da profissão, levando-os a caminharem em areia movediça, sem saberem aonde vão e tão pouco para onde vão, fruto dos equívocos encontrados nos discursos e propostas que regulamentam o perfil desse profissional.

A partir dessas considerações, a seguir, teço reflexões concernentes ao âmbito da subjetividade como dimensão a ser considerada para elucidar algumas questões encobridoras do assujeitamento profissional e a vulnerabilidade quanto à ocupação desse profissional que gera muitas vezes a fragilidade no tecido identitário.

A profissão como função estruturante da psique

Do ponto de vista de Byington (2003), a psique sobrevive dos significados simbólicos estruturantes da identidade do Ego, a partir do drama existencial que vivenciamos. O



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Ego simbolizado é uma etapa do desenvolvimento, tendo como protagonista o self, que o antecede como atividade estruturante coordenada pelos padrões arquetípicos para formar e transformar o Ego, perdurando essa função por toda a vida.

A concepção de símbolo estruturante defendida pelo autor se amplia como a célula psíquica, que se liga ao Todo ao atribuir significados subjetivos e objetivos produzidos no processo de elaboração simbólica. Na concepção junguiana, o Ego é o centro da consciência e o Self abarca a personalidade como um todo, incluindo o Ego. Byington (2003) faz uma ampliação desses conceitos postulando o inter-relacionamento do Ego com a totalidade do Self, somando todos os conteúdos psíquicos. O Eu e o Outro se configuram no consciente e inconsciente (na Sombra).

O conceito de Self Individual proposto por Jung foi ampliado por Byington (2003) para outras dimensões no dinamismo de totalidade. Ou seja, numa visão sistêmica, o Self é transpessoal porque é individual, familiar, pedagógico, institucional, cultural, planetário, e cósmico, sendo que todos interagem dentro da totalidade funcionando como um todo sistêmico.

A profissão escolhida pelo indivíduo tem como função prática garantir o sustento material, quando seu serviço é oferecido ao outro. Entretanto, não é só isso que está em jogo. Além da dimensão mercantil pela troca de serviços entre o Eu e o Outro, tem ainda o elemento de significação que a profissão opera como função estruturante da psique, podendo ser motivo de satisfação ou não. A função estruturante da profissão exerce o papel de criar significados psicológicos que vão “formar e transformar a identidade do Eu e do Outro na Consciência e na Sombra” (BYINGTON, 2000, p.3), sendo, portanto, um processo de humanização como fenômeno existencial.

Portanto, a realidade psíquica passa a ser a realidade do mundo, porque Psique e Natureza se intercomunicam com o próprio Cosmos. Essa visão outorga-nos a compreensão de nossa insignificância, quando apenas nos limitamos a uma



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

observação unilateral de todas as coisas, pois é sabido que afetamos e somos afetados.

Tomando como exemplo concreto o profissional pedagogo que não quer ou não tem a menor identificação com a docência, os símbolos estruturantes do Self dessa pessoa são todos os acontecimentos de sua trajetória de vida, incluindo seu ingresso no curso de pedagogia. Na persona sobressai um corpo engessado e desencantado; não há um envolvimento nas discussões acerca da temática educacional; o olhar é distante como se aquilo tratado não fizesse parte do seu mundo.

Desse modo, a formação profissional do educador implica considerar a visão de mundo e a concepção de desenvolvimento humano que ultrapasse a ordem econômica para considerar também a dimensão psíquica, biológica, social, planetária e cósmica, com vistas a criar valores subjetivos que os conduzam a pensar no que são e no que farão a serviço da educação, sempre imbuídos a encarar com seriedade o seu potencial para formar o cidadão com atitude de responsabilidade criativa diante de si mesmo, da sociedade, da cultura e do planeta com condições de enfrentar material, psicológica e espiritualmente as questões que a crise global contemporânea coloca.

A partir do campo empírico, no limiar dos opostos: Pedagogo (a) ou professor (a)?

Cada ator tem uma história e em cada história acontecimentos aproximados e no tecido de cada narrativa desenovelou a trama dos opostos vivenciados pelos atores da pesquisa que estão cursando Pedagogia sem identificação com a docência. Cada indivíduo é a soma do coletivo e o movimento da totalidade do Ser de cada um se revela como projeto do seu existir impregnado de sentido, em consonância com a existência do outro, desdobrando-se em cada experiência, cada contentamento, cada



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

decepção ou cada superação, marcando assim a diferença na unidade da experiência convertida na totalidade da existência chamada vida.

As histórias se interpenetram e se entrecruzam pela amalgama das escolhas, contingências e opções que os indivíduos se deparam. As histórias pessoais medeiam a experiência que é (re) elaborada na condição de narrativa, enquanto abertura para revivenciar e, ao mesmo tempo, recriar o vivido. Os discursos a seguir exprimem os conflitos oriundos de suas dúvidas acerca do momento que estão vivendo no apogeu da formação a partir do momento que escolheram cursar Pedagogia:

(...) ensinar não é a minha cara, chegar lá e ensinar, ter a obrigação de estar lá todos os dias eu não gosto, aí pensei em Pedagogia que eu posso administrar (...) (Beatriz) [...] Nunca tive nenhuma experiência em sala de aula. Uma vez tentei ensinar a uma menina que me ajudava em casa, meu marido precisou intervir, porque eu estava perdendo a paciência. Enfim, meus planos para este curso é de ser coordenadora pedagógica. (conteúdo da carta) .(Lili)[...] Eu até hoje não entendo porque estou fazendo Pedagogia (...). Eu sei que de Pedagogia ou Artes Plásticas ou em Letras eu vou ser professora e, ao contrário das outras pessoas que acham uma profissão ruim que não tem altos salários, eu gosto. (...) Não quero ser pedagoga. (Cecília) (...) a pedagogia não é uma coisa que eu me deslumbre, mas que é o que estou fazendo hoje, que por ironia do destino eu vim fazer (...). Para você ser professora e ser infeliz, incompetente e você não fazer seu trabalho bem é melhor você não fazer, (...) eu continuo com a idéia que não quero ir para uma sala de aula não tenho paciência. (Letícia)[...] Na profissão de pedagogo eu acho que não me vejo aí não (...) eu escolhi Pedagogia porque se escolhesse Letras tinha que ser professor. (...) Saber que ia ser professor caiu como uma bomba (...) pensei: Vou fazer Pedagogia, porque Pedagogia eu posso ser coordenador. (...) também tem muita gente aí hoje que já fez o curso e está desempregado então não é uma coisa que vai me garantir nada (...).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

(Ariel)[...] Ana (falando de si) está buscando se é isso mesmo que ela quer, continuar em Pedagogia ou se ela quer fazer outro curso. Porque é tão difícil você estar em um caminho e de uma hora para outra você pular para outro! (...) Porque na verdade nunca foi o sonho dela. Ou ela quer trancar e fazer Fisioterapia? (...) Eu nunca me vi na posição de professora. (Ana)

O limiar dos opostos remete as situações de ambivalência presentes nos discursos dos atores. Assim, quando lhes foi perguntado se pretendem concluir o curso de Pedagogia, os seis atores confirmaram que sim. Quanto às expectativas em relação a este, as falas ficaram divididas entre: esperando que fosse um bom curso; não ter ideia clara, pois queria mesmo uma graduação e não esperava muito, já que não se tratava de um curso que realmente quisesse fazer.

Quando perguntado sobre o que não lhes agradava no trabalho do pedagogo, quatro atores responderam que não gostavam da ideia de enfrentar uma sala de aula; outro faz crítica quanto ao distanciamento da teoria com a prática, e outra disse ainda sentir-se incomodada pelo fato de não gostar de trabalhar com crianças.

O material interpretativo considerado nas falas dos participantes apontou para a seguinte indagação: Como está se configurando o processo de construção identitária dos pedagogos em formação? Frente às polaridades desveladas no estudo, torna-se imperativo abrir para outras indagações ainda que não respondam na sua totalidade, mas que ressignifique olhares e propostas que corroboram para o obscurantismo na construção identitária profissional.

Assim, qual é mesmo a função do pedagogo? Em que perspectiva está se consolidando a identidade desse profissional? Portanto, torna-se emergencial colocar em relevo, os paradoxos vividos pelos próprios estudantes no processo da formação profissional. É possível que isso ocorra devido às ambiguidades encontradas, seja no discurso dos que legislam as políticas públicas, seja nas literaturas e encontros que fomentam



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

discussões sobre as bases filosóficas e epistemológicas delineadoras da sua identidade.

Dentre as situações nebulosas no entendimento acerca do papel do pedagogo, fizeram-se presentes sentimentos de surpresa de alguns participantes por saberem que a profissão do pedagogo tem como atribuição também a docência; inapetência pelo ofício de professor; ressonâncias de experiências traumáticas inibidoras para o querer ensinar, e crítica quanto à desvalorização da profissão docente no sistema social vigente.

O que realmente é atribuição do pedagogo? Tanto Libâneo (1999) quanto Franco (2004) consideram que o pedagogo deve ser formado para uma dimensão que o instiga a ser pesquisador e crítico da sociedade vigente, sendo preparado para atuar em vários campos educativos, não se reduzindo apenas ao trabalho docente. O revelado na pesquisa é que essa profissão se caracteriza “nisso ou naquilo”. Esse posicionamento de polaridades antagônicas, talvez seja o reflexo da realidade confusa percebida na conjuntura global ao se mostrar ainda ambígua nos fóruns de debate no cenário nacional atual. Mais positivo talvez fosse considerar a alquimia do encontro da pedagogia com a docência, num entrelaçamento epistemológico de interdependência.

Diante do exposto, cabe uma escuta mais atenta às vozes e, desse modo, provocar reflexões mais precisas acerca da formação do profissional pedagogo e ou docente, bem como considerar no processo formativo da identidade profissional o autoconhecimento na gestação e consolidação de sua identidade profissional. Concordando com Josso (2006), enveredar por esse caminho é possibilitar o entendimento de como o sujeito pensa ser e o que quer se tornar, como está sendo e o que o levou a transformar-se.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Enfim, trilhar por esse princípio permite ao indivíduo reviver os momentos colaboradores para saber porque pensa, o que pensa e de onde vêm as ideias que muitas vezes acredita-se possam ser originantes de si mesmo. E todo esse exercício do autoconhecimento desvela aspectos incognoscíveis para o indivíduo, a exemplo de onde vêm suas inspirações e desejos.

Desse modo, uma postura criativa e não defensiva contribui para a construção identitária do profissional a serviço da expansão da consciência crítica e autocrítica, adotando assim, atitude entusiasta e “ontocriativa” para compreender e transformar a realidade em sua totalidade. A identidade do profissional, forjada por essa função simbólica, valorizar-se-á sempre no processo de formação, incluindo a subjetividade e a intersubjetividade humana no fazer profissional para desembocar numa práxis humana (CORRÊA, 2008).

A identidade cimentada pelo diálogo do Ser com o fazer é resultante da andança do indivíduo no constante defrontar-se com o reconhecimento de si mesmo, fazendo disso uma itinerância para se colocar no mundo como sujeito que também é sujeitado pelas próprias armadilhas inscritas no espaço/tempo do mundo. Kosik (1976) diz que a práxis humana consubstanciada pela subjetividade alcança a percepção dos conflitos existenciais infligidos aos sujeitos como o medo, a ansiedade, insegurança e/ou frustração com significações inscritas no campo experiencial interno, tracejando as histórias individuais que, por sua vez, permeiam na atividade objetiva pra transformar a natureza. Complemento que esse movimento é circular e retroalimentado a pela configuração complexa dos sistemas individuais e coletivo, mediante o feedback que, sendo positivo, é amplificador e promove a mudança.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CONCLUSÕES

Escolher não significa apenas fazer uma opção aleatória. Na filosofia a palavra “escolha” designa “procedimento pelo qual determinada possibilidade é assumida, adotada, decidida ou realizada de um modo qualquer preferencialmente a outras” (ABBAGNANO, 1998, P.345). Nesse sentido, o conceito de escolha vincula-se a possibilidade por se entender que esta condição irá ocasionar a escolha. Sendo a escolha um procedimento que não se ancora a indiferença, pois se constitui a partir de uma preferência, é, portanto, racional. Sendo a escolha inevitável, ela opera pelo empreendimento da reflexão (idem, p.346).

O que dizer então da escolha inconsciente, cujo querer fica na sombra? Pelo viés interpretativo junguiano, esse processo atende ao conteúdo que regula ou organiza a psique cuja função estruturante do ego na maioria das vezes, toma como opção entrar em conformidade com a persona.

Quanto aos projetos que os atores estão fazendo para o futuro profissional, a docência não entra nos planos da maioria. Nesse sentido, a situação está pendendo para a manutenção da escolha desarticulada dos próprios desejos.

Espera-se que este estudo possa contribuir para a formação dos futuros pedagogos. Que essas reflexões tenham ressonância nas salas de aula e que os professores universitários, permitam uma abertura para à escuta das representações, dos motivos, desejos e expectativas dos alunos quanto à profissão, até para incidirem positivamente como modelos que poderão ser para o futuro profissional.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BYINGTON, Carlos Amadeu. **O trabalho simbólico e o self da empresa: Introdução ao estudo do trabalho pela Psicologia Simbólica**. Disponível em: www.carlosbyington.com.br. Artigo publicado na *junguiana*, nº 18. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2000. Acesso em 30/08/2008.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.
- CORRÊA, Vera. "Ressignificar a profissão docente do professor trabalhador na sociedade capitalista: Questões para debate". In: VEIGA, Ilma Passos da Veiga, D'AVILA, Cristina Maria (org.). **Profissão docente: Novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. **A Pedagogia para além dos confrontos**. Pedagogobrasil, geocities.yahoo.com.br/pedagob, p. 01-30, 2004. Acesso em 24/12/08.
- JOSSO, M.C. "Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si". In: Souza, Elizeu Clementino de, ABRAHÃO, Maria Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: invenção de si**. Maria-Cristine Josso, Prefácio. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARONI, AMNÉRIS. "Jung na era das catástrofes". Coleção Memória da Psicanálise, nº 2 – Jung: A Psicologia Analítica e o resgate do sagrado. São Paulo: **Revista Viver, mente & cérebro**, 2005, p. 30-39.
- _____. **Jung: O poeta da alma**. São Paulo: Sumus, 1998.
- MORIN, Edgar. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre; Sulinas, 2002
- VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002